

## CAPÍTULO 33

# O neocolonialismo em África retratado pela imprensa: a presença chinesa na República Democrática do Congo segundo a *Folha de São Paulo* (2005-2010)

Felipe Antonio Honorato

Valéria Barbosa de Magalhães

Este artigo apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado *Le soir, le monde, Folha de São Paulo: análise de abordagens sobre a diáspora congolesa*. O trabalho está sendo conduzido por Felipe Antonio Honorato, sob orientação da professora Valéria Barbosa de Magalhães, no Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (Each-USP).

Aqui, especificamente, é trazido um trecho do capítulo da tese que analisa a abordagem do jornal paulistano *Folha de São Paulo* (FSP) sobre a diáspora congolesa na capital paulista. Nele, três textos publicados pela FSP, entre 2005 e 2010, ilustram o tamanho da presença econômica da China na República Democrática do Congo (RDC) naquele momento histórico. Tais textos foram encontrados nos arquivos on-line do jornal por meio do uso de duas palavras-chave: “congolês” e “congoleses”. Os limites temporais da busca foram 1 de janeiro de 2005 e 31 de dezembro de 2010.

## Uma breve história da Folha de São Paulo

A história do jornal *Folha de São Paulo* (FSP) começa muito antes da fundação do periódico em si. Na década de 1920, foram criados, na cidade de São Paulo, os jornais *Folha da manhã* e *Folha da noite* (Memorial da democracia, s.d.). Olival Costa e Pedro Cunha, jornalistas que haviam trabalhado em *O Estado de São Paulo*, que, décadas depois, se tornaria o principal concorrente da FSP, se uniram para abrir um periódico que se afastava do padrão habitual:

Numa época em que os jornais paulistanos traziam apenas anúncios classificados ou atuavam como porta-vozes de grupos políticos, o novo jornal nascia com o propósito declarado de publicar notícias sobre os problemas da população de São Paulo, com textos curtos e linguagem objetiva (Memorial da democracia, s.d.).

A *Folha da noite* nasceu primeiro, e começou a circular em 19 de fevereiro de 1921 (Memorial da democracia, s.d.). Quatro anos depois, em julho de 1925 (*Folha de São Paulo*, s.d.), foi lançada a *Folha da manhã*, edição matutina da *Folha da noite* (Memorial da democracia, s.d.). Após ser brevemente adquirida e comandada por Francisco Matarazzo Júnior, assumiu os jornais José Nabantino Ramos (Memorial da democracia, s.d.). O advogado promoveu diversas mudanças nos periódicos:

Ele modernizou a linha editorial das publicações, defendendo o critério da imparcialidade na divulgação de informações, em contraste com a linha udenista dos concorrentes. Promoveu mudanças no projeto gráfico das duas Folhas, que passaram a usar mais fotografias, ilustrações e charges. Em 1949, o grupo voltou a se ampliar, lançando a *Folha da tarde*. Em 1951, vieram outras mudanças, como o emprego da linguagem coloquial e a utilização de subtítulos nas reportagens. Em 1958, surgiu o suplemento “Folha Ilustrada”, com notícias sobre a produção cultural, tirinhas humorísticas, colunismo social e moda (Memorial da democracia, s.d.).

Em 1º de janeiro de 1960, *Folha da manhã*, *Folha da tarde* e *Folha da noite* se fundiram, tornando-se um jornal só: a *Folha de São Paulo* (Memorial da democracia, s.d.). Tal medida teve como principal motivação causas econômicas: o papel-jornal sofria com uma alta em seu preço (Memorial da democracia, s.d.). No ano seguinte, 1961, apesar da fusão, as dificuldades financeiras se agravaram, e a FSP foi vendida por José Nabantino Ramos para Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho (Memorial da democracia, s.d.). Octavio Frias passaria a deter a totalidade do controle acionário da companhia em 1992 (*Folha de São Paulo*, s.d.). Em momentos-chave da história política brasileira, o jornal ficou reconhecido por adotar postura conservadora:

Embora defendesse a imparcialidade no cumprimento da função essencial de informar o leitor, no segundo governo de Getúlio Vargas o grupo alinhou-se a outros veículos de oposição. Após o suicídio do presidente, a linha editorial tornou-se mais abertamente conservadora: opusera-se à chapa JK-Jango nas eleições presidenciais de 1955, embora tenha reprovado as tentativas de golpe para evitar a posse dos eleitos. Na crise que sucedeu à renúncia de Jânio Quadros, em 1961, porém, defendeu a posse do vice-presidente João Goulart (Memorial da democracia, s.d.).

Além disso:

[...] a *Folha de S. Paulo* engajou-se nas articulações políticas que levaram ao golpe de 1964 — passou a integrar, com a TV Tupi, *O Globo* e o *Jornal do Brasil*, a Rede da Democracia, canal de oposição ao governo Goulart. Em seus editoriais, cobrava a intervenção enérgica dos empresários na cena política. Em 1964, a *Folha de S. Paulo* saudou o golpe civil-militar e adotou um silêncio conivente com os “exageros do novo regime”, que no início chegara a criticar (Memorial da democracia, s.d.).

No ano de 1994, a FSP se tornou a recordista nacional de tiragem e de vendas na história de jornais e revistas no dia de lançamento: na data em que foi às bancas, o “Atlas Folha/The New York Times” em fascículos, o periódico vendeu 1.117.802 exemplares (Folha de São Paulo, s.d.). Dois anos antes, o jornal havia se consolidado como o de maior circulação paga aos domingos: eram 522.215 unidades em média (Folha de São Paulo, s.d.).

## Congo: uma contextualização

A República Democrática do Congo (RDC) é um país localizado na África Central.<sup>1</sup> Seu território é extremamente rico em recursos naturais: seu solo fora declarado, em 1892, pelo geólogo belga Cornet, um “escândalo geológico” (Cornevin, 1972), pois apresenta enormes fontes, entre outras coisas, de cobre (faz parte do chamado *copperbelt*<sup>2</sup>), diamante, manganês, estanho, urânio, zinco e cobalto; além destes minerais, o

1 Segundo R. de Bayle des Hermens (2010, p. 591), “entendemos por África Central os seguintes países: Zaire, República Centro-Africana, República Popular do Congo, Gabão, Camarões e, em parte, Angola, Ruanda e Burundi”.

2 De acordo com verbete da Enciclopédia Britannica (s.d.), *copperbelt* (ou “cinturão do cobre”, em tradução livre para o português) é “[...] na geografia africana, uma zona de depósitos de cobre, com mineração e desenvolvimento industrial a eles associados, formando a maior concentração de industrial na África subsaariana fora da República da África do Sul. O cinturão se estende por cerca de 280 milhas (450 km) a noroeste de Luanshya, na Zâmbia, até a região do Katanga (anteriormente Shaba), na República Democrática do Congo. A zona tem até 160 milhas (260 km) de largura e contém mais de um décimo das reservas de cobre mundiais, encontradas principalmente em depósitos sedimentares do Pré-Cambriano tardio, com o minério concentrado em zonas indicativas de ambientes de topo de

Congo ainda possui jazidas relevantes de ouro, bauxita, prata, platina, chumbo, carvão e petróleo (Munanga, 2008). A maior parte dessas riquezas, no entanto, se concentram no leste do país, abrangendo a província do Catanga e suas adjacências (Munanga, 2008). Segundo Cornevin (1972), tal concentração pode ser explicada geologicamente, pois é na parte oriental do país que se encontram as formações geológicas mais antigas. Em 2009, um cálculo estimou que a soma de toda riqueza mineral congoleza corresponderia a 24 trilhões de dólares americanos, algo equivalente à soma dos PIB europeus e estadunidense (Silva, 2012).

A RDC tem uma população que superava os 77 milhões de pessoas em 2015 (Santos, 2018); a maior parte dela vive no campo – 66% dos congolese moram na zona rural (Kisangani; Bobb, 2010). Kinshasa é a capital do país e maior cidade: o centro urbano às margens do lago Malebo, tinha mais de 11, 8 milhões de habitantes em 2017 (Figueira; Masengu, 2020). Durante sua história, o país mudou diversas vezes de nome, modificações que refletem os seus rumos políticos:

O país atualmente conhecido como República Democrática do Congo (RDC ou Congo) surgiu pela primeira vez em 1885 como o Estado Livre do Congo (CFS) e era um domínio privado do rei Leopoldo II da Bélgica. Os domínios do rei foram anexados à Bélgica como colônia em 15 de novembro de 1908, sendo conhecido como Congo Belga. Em 30 de junho de 1960, tornou-se independente sob o nome de República do Congo. Tornou-se a RDC em 1 agosto de 1964 após a promulgação da constituição de Luluabourg e assim permaneceu até 27 de outubro de 1971, quando o presidente Mobutu Sese Seko o nomeou Zaire. Em 29 de maio de 1997, o presidente Laurent Kabila mudou o nome de volta para RDC (Kisangani; Bobb, 2010, p. 455)

---

colina e praia, ou perto da costa” (Tradução do autor). Versão original: “[...] in African geography, zone of copper deposits and associated mining and industrial development dependent upon them, forming the greatest concentration of industry in sub-Saharan Africa outside the Republic of South Africa. The belt extends about 280 miles (450 km) northwest from Luanshya, Zamb., into the Katanga (formerly Shaba) region of the Democratic Republic of the Congo. The zone is up to 160 miles (260 km) in width and contains more than a tenth of the world’s copper deposits, found mostly in Late Precambrian sedimentary deposits with the ore concentrated in zones indicative of hilltop and beach, or near-shore, environments”.



como ocorre atualmente com os Estados Unidos e a China (Badi, 2012); e a endocolonização, que se configura como o colonialismo interno, promovido pelas burguesias compradoras locais (Badi, 2012).

“No Congo, contradições feitas na China” é um artigo de Philippe Bernard publicado em 4 de novembro de 2006 na página A16 da Folha de São Paulo. Nesse artigo, Bernard trata da crescente influência econômica chinesa no país, em que os produtos fabricados no dragão asiático, com preços muito menores e acessíveis ao bolso do congolês, fazem sucesso: “Os chineses são populares porque vivem modestamente, como nós, e não tentam nos dar lição de moral” (Bernard, 2006). A reportagem destaca que o avanço chinês na RDC, no entanto, ia bem além de produtos de baixo preço. Além de propostas para renovar rodovias e ferrovias, “A operadora de telefonia chinesa Congo-China (CCT) capturou boa participação no mercado de telefonia móvel, com seus celulares de tarifas sem equivalentes. Em Katanga, o coração do setor mineral do país, empresas chinesas concessões se espalharam nos últimos dez anos” (Bernard, 2006).

Em 22 de setembro de 2007, metade da página A28 da FSP foi dedicada a uma reportagem que tem seu título apresentado em letras garrafais: “China se adianta ao FMI e empresta US\$ 5 bi ao Congo” (Wallis; Bream, 2007). Enquanto uma missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) chegava à RDC para avaliar a situação do país e decidir sobre voltar a apoiá-lo, a China tomou a frente e anunciou o empréstimo de 5 bilhões de dólares à nação africana. Segundo o texto de William Wallis e Rebecca Bream, “O acordo amarraria recursos minerais em troca de US\$ 5 bilhões em empréstimos e obras de infraestrutura” (Wallis; Bream, 2007). Ainda de acordo com a reportagem, “O FMI, o Banco Mundial e o Banco de Desenvolvimento Africano parecem ter sido pegos de surpresa pela escala e o *timing* dos planos chineses. [...] Estes chegam numa etapa delicada das negociações do Congo com vistas ao perdão da dívida acumulada no governo do falecido ditador Mobutu Sese Seko, que totaliza US\$ 8 bilhões, o equivalente a 800% das exportações do país” (Wallis; Bream, 2007). O tom usado pela matéria da FSP sugere que a China tenha tomado espaço de outras potências mundiais, representadas pelas agências internacionais de financiamento.

O empréstimo causou agitação entre o capital ocidental: “o acordo dará à China uma vantagem nítida no cinturão do cobre congolês” (Wallis; Bream, 2007), defendeu um especialista citado na reportagem. Wallis e Bream esclarecem que, à época, grandes grupos ocidentais estavam ávidos pelo cobre e o cobalto do Catanga, mas o potencial de exploração da região era muito maior do que o que se extraía, uma vez que era feita por empresas menores, pois os conglomerados maiores evitavam operar no país devido à grande instabilidade e à precariedade da infraestrutura.



Quando de seu anúncio, os termos dos acordo não foram de pronto revelados. Isso só aconteceu no ano seguinte, 2008. Em 10 de maio, a FSP trouxe em sua página A27 o artigo “Congo anuncia detalhes de acordo bilionário com Pequim” (Folha de São Paulo, 2008), que noticiava os detalhes finais decididos entre a RDC e a China. Por US\$ 9,25 bilhões em empréstimos, investimentos em estradas, ferrovias e outras obras de infraestrutura, os chineses teriam direito a 10,62 toneladas de cobre e 620 mil toneladas de cobalto (a reportagem não especifica prazos e periodicidade). A grandiosidade daquele que foi referido como o maior acordo já fechado pelo país asiático em África era tanta que algumas autoridades congolenses o compararam ao Plano Marshall.

O cobalto ser o grande alvo deste acordo parece não se tratar coincidência: com as discussões sobre alternativas aos motores à combustão se intensificando devido ao aquecimento global, popularizam-se os carros elétricos; cada carro elétrico requer de 5 a 10 quilos de cobalto para ser construído e, no solo da RDC, está 50% de toda reserva desse mineral disponível no planeta (Kawama, 2018).

### Considerações finais

A análise dos arquivos do jornal FSP para os anos entre 2005 e 2010 revela uma forte presença neocolonial chinesa na República Democrática do Congo. Os artigos jornalísticos encontrados mostram que a busca da potência asiática no país da África Central era tanto por matéria-prima, em especial o cobalto, quanto por mercado consumidor. As falas dos entrevistados demonstram que os produtos chineses faziam sucesso por causa de seus preços competitivos e que, aos olhos do grande público, o conhecido pragmatismo chinês em sua política externa era visto como algo apreciável. Fica explícito, também, o investimento chinês no desenvolvimento da infraestrutura congolense, ainda que isso estivesse condicionado à exploração da riqueza mineral do Congo.

### REFERÊNCIAS

- BADI, M. K. La política africana de Francia: rupturas y continuidades del neocolonialismo. *Astrolabio*, [s. v.], n. 9, p. 87-117, 2012. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/astrolabio/article/view/3168>. Acesso em: 24 ago. 2022.
- BERNARD, P. No Congo, contradições feitas na China. *Folha de São Paulo*, 2006. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=16980&keyword=Congo&anchor=5234733&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=858e887ef4c2cfe49d16ef440b85f56b>. Acesso em: 18 mar. 2023.
- BRITANNICA. *Copperbelt*. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Zambia>. Acesso em: 24 ago. 2022.

- CORNEVIN, R. *Le Zaïre*. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.
- FIGUEIRA, R. R.; MASENGU, S. M. A inserção de imigrantes congolese nas relações de trabalho no Rio de Janeiro. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, v. 9, n. 1, p. 521-542, 2020. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/120438>. Acesso em: 29 ago. 2023.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Congo anuncia detalhes de acordo bilionário com Pequim. 2008. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=17533&keyword=Congo&anchor=5215301&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=32e041db7ec9defc47cb194b99d02d39>. Acesso em: 18 mar. 2023.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *História da Folha*. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia\\_da\\_folha.shtml?fill=4](https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4). Acesso em: 6 mar. 2023.
- HERMENS, R. de Bayle. Pré-história da África Central – parte I. In: KI-ZERBO, J. (ed.). *História geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. Brasília: Unesco, 2010.
- KAWAMA. Can the world produce enough cobalt for electric vehicles? *The Economist*, 1 dez. 2018. Disponível em: <https://www.economist.com/business/2018/12/01/can-the-world-produce-enough-cobalt-for-electric-vehicles>. Acesso em: 6 set. 2023.
- KISANGANI, E. F.; BOBB, F. S. *Historical dictionary of the Democratic Republic of the Congo*. Lanham: The Scarecrow Press, Inc., 2010.
- MEMORIAL DA DEMOCRACIA. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/jornais-e-revistas/5>. Acesso em: 6 mar. 2023.
- MUNANGA, K. A República Democrática do Congo. In: *Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional - II CNPEPI, O Brasil no mundo que vem aí*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/al000109.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2022.
- PERRY-CASTANEDA LIBRARY MAP COLLECTION. Congo, Democratic Republic (former Zaire) (political) 1998. Disponível em: [https://maps.lib.utexas.edu/maps/africa/congo\\_demrep\\_pol98.jpg](https://maps.lib.utexas.edu/maps/africa/congo_demrep_pol98.jpg). Acesso em: 15 dez. 2022.
- SANTOS, C. A. *Uma história de refúgio: narrativas de três irmãs negras do Congo no Distrito Federal*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, 2018.
- SILVA, I. C. *Congo: a guerra mundial africana*. Porto Alegre: Editora Leitura XXI, 2012.
- WALLIS, W.; BREM, R. China se adianta ao FMI e empresta US\$ 5 bi ao Congo. *Folha de São Paulo*, 2007. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=17302&keyword=Congo&anchor=5223324&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=60480c4c7a757f1fc394d4c802375fb8>. Acesso em: 18 mar. 2023.